

REFLEXÕES ACERCA DA CLÍNICA PSICANALÍTICA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NOS TEMPOS ATUAIS¹

Marlene Silveira Araujo²
Eleonora Abbud Spinelli³
Eliane Goldstein³
Joyce Goldstein³
Magaly Waistein³
Paulo Soroka³
Rosaura Blochtein Lemberg⁴
Tula Bisol Brum⁴

Resumo

Os autores apresentam uma reflexão acerca das dificuldades dos analistas de crianças e adolescentes, frente às patologias atuais, que ensejam a utilização de abordagens específicas respeitando os princípios norteadores da psicanálise. Chamam a atenção para a importância do papel transformador do analista, e a necessidade de discussão do tema com os demais colegas da área.

Neste trabalho, refletimos acerca do fazer psicanalítico no atendimento de crianças e adolescentes numa sociedade em mudança. Para tal, utilizamos a lenda do “shibboleth”^{*}, estabelecendo conexões entre as características próprias da pós-modernidade e os princípios da psicanálise.

Freud, em vários trabalhos e algumas correspondências, utiliza a palavra “shibboleth” para designar aquilo que em seu entendimento seriam os princípios norteadores da teoria psicanalítica. Esse termo Freud

¹ Trabalho realizado pelos alunos do 2º Ano do Curso de Formação de Crianças e Adolescentes do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre - SPPA.

² Membro Efetivo, Analista Didata e Coordenadora do Seminário de Teoria e Técnica do 2º Ano do Curso de Formação de Crianças e Adolescentes do Instituto de Psicanálise da SPPA.

³ Candidato do Instituto de Psicanálise da SPPA.

⁴ Membro Associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

^{*} Este termo não se encontra na edição brasileira das obras completas de Freud, e sim na edição argentina, da Amorrortu.

toma emprestado de suas leituras da Torá. Refere-se ao trecho do Antigo Testamento, Livro dos Juízes (12, 5-6), que relata uma luta fratricida entre duas tribos. O trecho nos conta: “No país de Galaad viviam duas tribos, uma chefiada por Jefté e outra por Efraim. Como travavam uma guerra por território e possuíam uma origem comum, tinham dificuldades de distinguir quem era o inimigo. Quando um desconhecido descia das terras de Galaad buscando a margem oposta, os soldados de Jefté o prendiam. Seria aquele homem um agressor inimigo que abandonava Galaad ou um aliado fiel que retornava a sua aldeia?

Para apurar a verdade, fazia-se pronunciar a palavra "shibbolet" (espiga), palavra sinistra sugerida pelo sábio para solucionar o dilema de como identificar o inimigo. Os partidários de Jefté pronunciavam "shibbolet", enquanto os partidários de Efraim diziam "cibbolet". A primeira sílaba denunciava a diferença. E tudo ali, no mesmo instante, se decidia. Se o interrogado falseava na pronúncia, era logo degolado” (Malba Tahan, “Lendas do Povo de Deus”, apud Heller e c/s., 1998).

A partir dessa lenda, levantamos algumas questões articuladas ao tema proposto. Numa época em que os conceitos científicos, culturais e a própria ciência são alvos de contestação e desencanto, acreditamos na necessidade de nos apoiarmos em alguns referenciais para refletir sobre nossa ciência, nossa práxis e nossa formação, como psicanalistas de criança e adolescentes.

Se a psicanálise se constitui por uma teoria, uma prática e uma transmissão, caberia então pensar quais são os pontos norteadores de

cada um desses alicerces. Existiria apenas uma visão a respeito da psicanálise da criança e do adolescente? Qual é o papel do analista na atualidade, de modo que não se sinta e nem seja considerado como ferindo os princípios norteadores da psicanálise?

Pensar nossa clínica psicanalítica hoje é investir no desafio de encontrar novas maneiras de compreender o impacto da queda da família nuclear e do aumento do que poderíamos chamar de família “pós-moderna”.

A pós-modernidade refere-se aos acontecimentos posteriores à modernidade em que havia uma concepção da vida voltada para o futuro racional e progressista, das grandes utopias e do ideal social. O foco de interesse deslocou-se para o imediatismo, isto é, o que se vive aqui e agora. Trata-se de uma sensibilidade diferente baseada na supervalorização do prazer imediato, do efêmero, do hedonismo, da exaltação do corpo contra a ordem do trabalho, da linearidade e do devir. Dessa forma, o indivíduo se liberta de crenças absolutas e se liga aos ideais de curto prazo. O principal problema que enfrentamos hoje é a perda dos critérios, a dominação da impulsividade que obstrui o pensamento e que, diminuindo a capacidade crítica, perverte os valores.

Assim ingressamos no século XXI, e torna-se necessária uma reordenação intelectual que nos habilite a compreender e manejar essa complexidade de problemas.

Viver livremente sem repressão, diz Lipovetsky (2000), e escolher integralmente o modo de existência de cada um é o fato social mais significativo de nosso tempo. Novos paradigmas questionam o conjunto de

premissas que orientaram até hoje nossa atividade científica, dando lugar a uma reflexão filosófica sobre a subjetividade e a conseqüente inserção social do homem.

A subjetividade constituída em determinada época é o conjunto de características particulares que cada cultura exige para reconhecer o semelhante. Essa subjetividade de ordem social nada nos diz do processo de subjetivação. Ou seja, nem toda produção de subjetividade é efeito de subjetivação.

A mente se estrutura no processo de desenvolvimento da personalidade interpondo o pensamento entre o impulso e a ação.

Pensar por si mesmo é a rigor decorrente do pensar com o outro. Esse outro implica necessariamente a vida de relação em que a família tem um papel fundamental enquanto protótipo de todas as relações humanas.

A família patriarcal era dominada pela figura do pai, que lhe dava nome e do qual dependiam mulher e filhos. A família dentro de casa protegida pelos muros da vida privada modificou-se por contingências socio-econômicas e do individualismo moderno. Saímos, pois, de um modelo tradicional de família para uma família de transição, instituindo-se uma nova lógica da cultura familiar. Dessa maneira, a pós-modernidade questionou a instituição família, a infância e a parentalidade.

Se por um lado temos prejuízo, por outro avançamos muito. No texto “Mal Estar na Cultura” (1930), este é um dos assuntos que Freud

aborda, quando diz que o desconforto do homem, ao abdicar das demandas instintivas, fazia a humanidade progredir.

A psicanálise, como método terapêutico, foi anunciada por Freud, em 1896. O valor da associação livre, da transferência e da interpretação constituíram os três pilares necessários para tornar consciente o inconsciente. O estudo sobre a teoria traumática das neuroses conduziu-o à sexualidade infantil, à descoberta do complexo de Édipo e à importância da evolução dessas etapas no desenvolvimento da psicosexualidade e na constituição do psiquismo.

Através da análise de jogos, sonhos e fantasias do pequeno Hans, mediante o contato com o pai do menino e do material que este último fornecia, Freud interpretou as variadas formas simbólicas de representação do corpo materno e seus conteúdos, a ansiedade de castração, e as fantasias a respeito da sexualidade. Segundo Aberastury (1992), a publicação desse caso, que teve uma abordagem atípica, fixou as bases para a compreensão da linguagem pré-verbal e para a utilização da interpretação na análise de crianças, possibilitando o emprego do método analítico de uma forma que seria inadequada em outra condição. A autora conclui: "Substituída a associação livre pela linguagem pré-verbal, provada a capacidade da criança de compreender a interpretação e estabelecer uma transferência com o terapeuta, estavam cumpridas as premissas necessárias para falar-se numa técnica de psicanálise de criança similar à existente para psicanálise de adultos". (p. 33).

Acreditamos ser oportuno, nos tempos atuais, estabelecer discriminações entre o papel estruturante dos conflitos e as patologias decorrentes das falhas de simbolização - as ditas “patologias do vazio”. Surge o paradoxo de que, frente a pacientes gravemente perturbados, a abordagem terapêutica vê-se obstaculizada, justamente pelo igualmente severo comprometimento emocional de seus pais.

Quem é o paciente?, indagamo-nos.

Neste sentido, impõe-se, nos tempos atuais, refletir quanto ao posicionamento do analista frente aos pais de seus pacientes. Em muitas famílias contemporâneas em que a confusão/indiferenciação tomam a dianteira. Não seria necessário ao analista oferecer-lhes seu próprio aparelho mental como modelo identificatório? Assim torna-se possível discriminar a verdade da mentira, estabelecer interditos e privilegiar a necessária hierarquização constitutiva do psiquismo.

Concordamos com Bidolski (2000), quando afirma que a condição pós-moderna supõe uma modalidade particular de transferência pré-moldada trazida pelos pais, que às vezes é difícil de remover, já que não são eles nossos pacientes, e sim seus filhos. Entretanto, urge que se tente. Muitas vezes se faz necessário um tenaz trabalho, no sentido de mostrar a diferença entre um enunciado enraizado em fundamentação teórico-clínica e mais uma opinião que se soma à multiplicidade de opiniões possíveis. Quanto aos próprios pacientes, frente à indiferença e à reclusão narcísica que apresentam, vemo-nos impactados por situações em que a palavra e o jogo são evacuativos em sua natureza, uma vez que a ordem do simbólico

não se instituiu. Cremos que somente um *setting* com definidos marcos de tempo/espço possibilitará a progressiva substituição dos mecanismos projetivos por aqueles introjetivos, o desenvolvimento do aparelho para pensar pensamentos e o incremento da capacidade simbólica.

Um longo caminho por vezes se faz necessário trilhar para que a instalação de um processo analítico seja levada a cabo. Mais longa a trajetória, ainda, é aquela que conduz à instalação da ordem do simbólico, oportunizando ao paciente a descoberta de um novo idioma para se comunicar consigo mesmo e com o outro. Encontrar o paciente onde ele estiver, estabelecer contato, conectar dois mundos que não se comunicam: não seria este o desafio? Novos tempos, novos pacientes... A nós, analistas restam – sem dúvida – os textos clássicos, nossa possível capacidade de autoconhecimento e a rica oportunidade de compartilhar com colegas os desafios com os quais nos defrontamos.

Francis J. apud Glenn, J. (1996) refere que alguns analistas de crianças defendem a idéia de que o brinquedo, o desenho, a atividade motora, a ausência do uso do divã, assim como as diferenças na transferência e na associação livre e a inclusão dos pais no *setting* são elementos que modificam a técnica em grau tal, que lhes faltam os aspectos fundamentais para considerá-la psicanálise.

Pensamos diferente. Entendemos que a análise de crianças e adolescentes parte do mesmo referencial teórico da de adultos, embora guarde diferenças significativas devido a peculiaridades do paciente como um ser em evolução. As diferenças incidem principalmente no *setting* e nas

modalidades de expressão da criança e do adolescente, o que não descaracteriza a técnica psicanalítica, já que o funcionamento mental do analista se mantém o mesmo.

Quando um analista recebe um paciente, quer seja ele criança, adolescente ou adulto, sua mente volta-se para algumas questões. Uma delas diz respeito à comunicação que está sendo feita; outra, a que tipo de relação vai se estabelecendo no campo.

Dessa maneira, o analista busca afinar sua capacidade de observar o que sucede na sessão e ser receptivo àqueles aspectos que o analisando não pode tolerar. Os estados emocionais, imagens, fantasias, dor, temor e culpa intoleráveis devem ser recebidos pelo analista, contidos e, na "rêverie", metabolizados, transformados e após esse processo de depuração devolvidos ao analisando.

Virgínia Ungar diz: "Se um analista tem internalizado a psicanálise, sua atitude vai ser sempre uma a atitude analítica" (p. 26). Conclui que, quando há uma neurose de transferência estabelecida e ela é interpretada, está se fazendo uma análise. Isso significaria que, sempre que um psicanalista esteja trabalhando com seu paciente, independentemente de variáveis como a frequência das sessões, por exemplo, ele esteja levando a cabo um tratamento psicanalítico?

Mas o que vai alterar fundamentalmente a técnica padrão de adultos para a técnica infantil é que com os adultos lidamos com os pais internalizados. Com crianças e adolescentes, temos também a presença real dos pais no *setting* analítico com os seus respectivos objetos internos, o que

acarreta transferências cruzadas, apresentando dificuldades técnicas peculiares, como aquelas que Freud (1900) enfrentou, quando atendia à jovem Dora.

Voltemos à lenda: diz ela que em nome de supostas verdades absolutas, as diferenças não podiam ser toleradas, impondo ao homem um trágico destino.

Como analistas de crianças e adolescentes, não estaríamos nós frente a desafios semelhantes aos que Freud enfrentava em 1905 com o pequeno Hans?

Nesta reflexão, procuramos chamar a atenção para a importância de que, como analistas, mantenhamo-nos comprometidos a seguir os ensinamentos de Freud, respeitando os princípios norteadores da psicanálise, sem perder de vista o papel transformador de cada um de nós na comunidade psicanalítica.

Pensamos ser necessário harmonizar esses princípios com os diversos "shibbolets". Acreditamos na capacidade criadora dos indivíduos, no talento pessoal, na possibilidade de o sujeito agir nas brechas estruturais e inventar novas estratégias terapêuticas, considerando as peculiaridades de cada situação com que se depare na clínica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, Armanda (1992). Análise da fobia de uma criança de 5 anos. In: *Psicanálise da Criança Teoria e Técnica*. 8ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas.

BIDOLSKY, S. (2002) Algunas reflexiones sobre cultura, subjetividad y clínica psicoanalítica actual. *Revista Latinoamericana de Psicanálise*. v. 4, n. 1, p. 439-445.

FRANCIS, John J. O ensino da psicanálise de crianças nos Estados Unidos. In: GLENN, Jules. *Psicanálise e Psicoterapia de Crianças*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FREUD, S. (1900). Fragmento da análise de um caso de histeria. *E. S. B.* Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 7.

_____. (1909). Análise de uma fobia de um menino de cinco anos. *E. S. B.* Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 10.

_____. (1930). O mal estar na civilização. *E. S. B.* Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 21.

HELLER, A ; ANTUNES, C.; GOLDSTEIN , J. O shibboleth da psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 32, n. 4, p. 685-696, 1998.

LIPOVETSKY. La era del vacío. In: BIDOLSKY, S. Algunas reflexiones sobre cultura, subjetividad y clínica psicoanalítica actual. *Revista Latinoamericana de Psicanálise*, v. 4, n. 1, p. 439-445, 2000.

UNGAR, Virgínia. Psicoanálisis y psicoterapia en el tratamiento de niños: una reflexión desde la frontera. *Newsletter*, v. 10, n. 2, 2001.